

PAULO FREIRE E O MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

*Germano Coelho*²⁹⁹

PAULO FREIRE NO MCP

O recém-eleito Prefeito do Recife Miguel Arraes convidou um grupo seletivo de pessoas uns encontros, na Prefeitura, a fim de se estabelecer um plano de escolarização para crianças e adolescentes carentes da Cidade, que não possuía uma rede municipal de educação. No decorrer dos debates, fui indicado para elaborar uma proposta concreta.

Paulo Freire não participou dessas reuniões na Prefeitura do Recife. Não participou, também, da elaboração da proposta do MCP. Em 1959, preparava-se para concorrer à cátedra de História e Filosofia da Educação, que ocupava interinamente, na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife. Em 1960, foi realizado o concurso. Concorreram, ele com a tese "Educação e atualidade brasileira" e Maria do Carmo Tavares Miranda com "Pedagogia do tempo e da história", examinando "a contribuição do povo hebreu, seu aspecto filosófico e histórico, para uma teoria da formação humana."

Eu e Norma acompanhamos, passo a passo, todo o concurso, inclusive com ele e Elza, em casa, quando saiu o resultado. Maria do Carmo conquistou a cátedra e Paulo Freire obteve o segundo lugar e os títulos de doutor e livre-docente. Foi após esse desfecho, que tivemos a alegria de receber Paulo Freire em nossa casa, na rua da Hora 100, no Espinheiro, onde nasceu verdadeiramente o MCP. Contamos o grande plano; falamos da conquista da sede, no Arraial do Bom Jesus; lemos o Estatuto. E ele foi incisivo:

- Pode botar meu nome aí. Eu estou dentro disso. Eu estou nisso.

E assinou o Estatuto na hora, como um dos fundadores do MCP.

Paulo Freire assumiu, no MCP, a área de pesquisa, e integrou, desde o início, o Conselho de Direção, órgão executivo máximo da instituição, que era assim constituído: Germano Coelho, Anita Paes Barreto, Paulo Freire, Geraldo Vieira, Abelardo da Hora, Reinaldo Pessoa, Arnaldo Marques, Aluísio Falcão, Norma Porto Carreiro Coelho. Todos esses Conselheiros eram voluntários: exerciam os cargos sem remuneração.

MCP: Desenvolvimento Acelerado

Paulo Rosas, um dos fundadores do MCP, em comunicação sobre "Educação popular no Nordeste, nos inícios de 60", apresentada à 32ª Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, realizada no Rio de Janeiro, em 1980, comprovou "o rápido desenvolvimento do Movimento de Cultura Popular", acrescentando: "o projeto do MCP foi rapidamente dinamizado".

Entre os fatores desse dinamismo, ele identificou "como primeiro deles o apoio que Miguel Arraes lhe dispensou e a esperança que Miguel Arraes despertava em numerosas e diversificadas faixas da população".

²⁹⁹ Presidente do Movimento de Cultura Popular (1961-1964). Atual Superintendente do Centro de Integração Empresa Escola de Pernambuco.

O segundo, disse Paulo Rosas, "foi, a meu ver, o clima quase místico dominante, pela crença no potencial humano brasileiro e nordestino, sem ufanismos, sem milagres, e que até certo ponto decorreu daquela esperança que Miguel Arraes despertava, até certo ponto era fruto do contagiante otimismo de Germano Coelho e ainda do espírito do tempo então reinante."

Um terceiro fator - registra Paulo Rosas - em grande parte associado aos dois primeiros, contribuiu para a rápida ascensão do MCP: apesar das divergências ideológicas e talvez de propósitos, um denominador comum nos animava - a crença no programa em realização. Em outras palavras: éramos motivados a produzir o melhor e mais rápido que pudéssemos."

Teatro do Oprimido

Assistimos, no Teatro de Arena, em São Paulo, "Revolução na América do Sul", de Augusto Boal. Convidamos o grupo para apresentar-se, no Recife, no Teatro Santa Isabel, já inteiramente reformado e aberto à juventude, sem a exigência antiga de paletó e gravata. O teatrólogo Graça Melo, também fundador do MCP, era o novo presidente da Comissão de Teatro, lutando pela dinamização do setor em Pernambuco.

Quando chegamos à velha casa de Vauthier para ver a Revolução, na América do Sul, fomos recebidos com a notícia de que a Secretaria de Segurança Pública do Estado havia julgado a peça subversiva da primeira à última palavra e ali estava um exemplar do texto todo carimbado pela censura. E mais: a Revolução só seria encenada naquela noite, e com os cortes previstos. Curioso: onde havia a palavra "revolução" eles carimbavam "movimento", numa alusão direta ao MCP.

Reunimo-nos com a equipe de Boal.

- Perguntei: vocês topam, um confronto com a polícia?

- Boal respondeu: topamos.

- Então, eu disse: levem a peça na íntegra.

O nosso sonho era a criação de um conjunto próprio, que se tornasse a voz dos oprimidos. Pedimos a Boal apoio do Teatro de Arena. De volta a São Paulo, ele deixou conosco Nelson Xavier e a figurinista francesa Ded Bourbonnais. E, com eles, nasceu o Teatro de Cultura Popular, do MCP, apresentando-se, pela primeira vez, no Teatro Santa Isabel, com a grande peça sobre a reforma agrária "Julgamento em Novo Sol". A crítica foi unânime. Não parecia um grupo amador. Havia cenas, que lembravam esculturas movidas apenas pelo jogo de luz, como nos trabalhos de Eisenstein.

"Julgamento em Novo Sol" foi encenado um mês inteiro, no Rio de Janeiro, no Teatro da Casa do Estudante, em plena Av. Rio Branco. E, depois, foi apresentado, em Brasília, a convite do Governo Federal, para o Presidente da República e os Ministros de Estado.

Alfabetização de Adultos

Em 1962, o MCP iniciou a alfabetização de adultos. Assinei convênio, em nome da Prefeitura do Recife e do MCP, com o Ministério da Educação e Cultura. O Programa Sirena do Governo Federal nos enviou as cartilhas e os discos correspondentes a cada lição.

Reunimo-nos, um dia inteiro, com Maria José Baltar e Maria Antônia Mac-Dowell, ambas fundadoras do MCP, para avaliar o material todo. Uma decepção, dizia coisas assim: no fim do mês, você deve colocar sua poupança na Caixa Econômica Federal. Nada a ver com o Nordeste, com a pobreza de nosso povo; totalmente alienado e inaproveitável. A decisão foi imediata: vamos começar do início e fazer tudo. Pedi, então, a Paulo Freire, que assumisse o comando do processo. Ele porém lembrou, que não tinha nenhuma experiência, na área, e por isso não podia aceitar a missão.

Norma, com três anos de Pedagogia, na Sorbonne, e inúmeros estágios na Europa e em Israel, topou o desafio. E se uniu a Josina Godoy, ex - professora competentíssima, no Distrito Federal. O trabalho começou incontinenti e foi quase todo produzido, na Rua da Hora 100, aproveitando o material acumulado "em três meses de pesquisas, nas zonas populares do Recife". Surgiu, assim, o mais rapidamente possível, o " Livro de Leitura para Adultos", do Movimento de Cultura Popular.

Josina e Norma escreveram, como uma apresentação da cartilha reeditada na íntegra, a nota que se segue:

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE LEITURA PARA ADULTOS DO MCP

“Em Fevereiro de 1962, as escolas do MCP cobriam vastas áreas, à beira dos mangues e alagados, e nos altos quase inacessíveis do Recife.

O programa de educação para adultos exigia um método de ensinar a ler, enraizado nas coisas do Nordeste, e nos interesses de homens e mulheres discriminados pela sociedade e tangidos para a periferia.

*O convênio celebrado com o Ministério da Educação e Cultura, em torno do **Programa Sirena**, havia fracassado, justamente quando chegaram as lições gravadas em disco e as cartilhas. Um desperdício de recursos federais. As aulas nada tinham a ver com a situação nordestina. Nem os centros de interesse. Nem o vocabulário. Nem mesmo a metodologia do ensino de adultos.*

*O MCP preferiu partir de zero, utilizando a experiência acumulada durante **três meses de pesquisas, nas zonas populares do Recife.***

*Das longas conversas com o povo, surgiram os **centros de interesse fundamentais**, representativos das idéias básicas a serem debatidas em classe. Estes foram se agrupando, naturalmente, em dezesseis centros diferentes. Eram os temas que constituíam o universo de preocupação do adulto, no Recife. E foram, assim, relacionados: politização, sobrevivência, habitação, etc.*

*Utilizando-se a técnica de alfabetização, que parte da "palavra", foram escolhidas as "palavras-chaves". Estas são chamadas assim, porque além de encerrar as idéias significativas, apresentam, pela primeira vez, as sílabas que irão formar novas palavras. **Quarenta e três palavras-chave foram identificadas, abrangendo cinquenta e oito sons**, que devem ser aprendidos, porque servirão para formar todas as palavras da língua portuguesa.*

Tudo isto resultou no seguinte quadro, ponto de partida para a elaboração do **Livro de Leitura para Adultos do MCP**:

<i>CENTROS DE INTERESSE FUNDAMENTAIS COM AS RESPECTIVAS PALAVRAS-CHAVE</i>	
1. <i>Politização</i>	10. <i>Problemas do campo</i>
1.1. <i>povo</i>	10.1. <i>açúcar</i>
1.2. <i>voto</i>	10.2. <i>Pernambuco</i>
2. <i>Sobrevivência</i>	10.3. <i>engenho</i>
2.1. <i>vida</i>	10.4. <i>enxada</i>
2.2. <i>saúde</i>	11. <i>Problemas do Nordeste</i>
2.3. <i>pão</i>	11.1. <i>Nordeste</i>
3. <i>Habitação</i>	11.2. <i>homem</i>
3.1. <i>casa</i>	12. <i>Reforma agrária</i>
3.2. <i>mocambo</i>	12.1. <i>flagelado</i>
4. <i>A cidade</i>	12.2. <i>progresso</i>
4.1. <i>Recife</i>	13. <i>Desenvolvimento</i>
4.2. <i>alagado</i>	13.1. <i>Brasil</i>
5. <i>Estado</i>	13.2. <i>trabalho</i>
5.1. <i>escola</i>	14. <i>Pesca</i>
5.2. <i>operário</i>	14.1. <i>jangada</i>
5.3. <i>livro</i>	14.2. <i>peixe</i>
6. <i>Religião</i>	14.3. <i>coqueiro</i>
6.1. <i>templo</i>	15. <i>Festas populares</i>
7. <i>O mundo</i>	15.1. <i>arraial</i>
7.1. <i>globo</i>	15.2. <i>quadrilha</i>
7.2. <i>atlas</i>	15.3. <i>frevo</i>
8. <i>O sertão</i>	15.4. <i>ritmo</i>
8.1. <i>sertanejo</i>	15.5. <i>zabumba</i>
8.2. <i>chuva</i>	15.6. <i>caboclinho</i>
8.3. <i>sol</i>	15.7. <i>Guararapes</i>
9. <i>Problemas da cidade</i>	16. <i>Organização política</i>
9.1. <i>mangue</i>	16.1. <i>República</i>
9.2. <i>draga</i>	16.2. <i>democracia</i>
	16.3. <i>paz</i>

Cada uma dessas palavras-chave pode conter um ou mais fonemas novos. Os sons, enquadrados pela palavra-chave, constam da relação integrante do **Guia do Alfabetizador**.

Assim, o esquema geral do processo de alfabetização utilizado foi o seguinte:

1º - Apresentação das palavras-chave e debate em torno do centro de interesse.

2º - Apresentação das palavras-chave dentro de frases.

3º - Destaque das sílabas novas encontradas nas palavras-chave.

4º - Composição de novas palavras.

A orientação metodológica das diversas fases da alfabetização foi dada, também, no **Guia do Alfabetizador**, utilizado pelo monitor, na Escola Radiofônica do MCP.

O **Livro de Leitura para Adultos**, de nossa autoria, teve ampla repercussão. As últimas aulas, Lição 75 - República e Lição 77 - Paz, foram escritas pelo Presidente do MCP, Germano Coelho, para transmitir uma síntese do Movimento e as linhas gerais de sua ideologia.

O grande educador brasileiro, Anísio Teixeira, em outubro de 1962, assim se externou sobre o **Livro de Leitura para Adultos** do MCP:

Confesso haver lido essa cartilha com inesperado entusiasmo.

As privações, as esperanças e os direitos do brasileiro tecem e entrelaçam aquelas frases lineares e singelas, e fazem do aprender a ler uma introdução à liberdade e ao orgulho de viver.

Por tudo isto é que considero essa cartilha a melhor cartilha para adultos analfabetos que, até agora, conheci no Brasil".

Abrindo o Livro de Leitura para Adultos há um texto meu da época (1962), que vale também transcrever na íntegra:

"O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama, dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome.

Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas terras áridas do Nordeste. Refletem o seu drama, como "síntese dramatizada da estrutura social inteira".

Drama também de outras áreas subdesenvolvidas. Do Recife, com 80.000 crianças de 7 à 14 anos de idade, sem escola. Do Brasil, com 6 milhões. Do Recife, com milhares e milhares de adultos analfabetos. Do Brasil, com milhões. Do mundo em que vivemos, em pleno século XX, com mais de um bilhão de homens, mulheres e crianças incapazes sequer de ler, escrever e contar.

O Movimento de Cultura Popular representa, assim, uma resposta. A resposta do Prefeito Miguel Arraes, dos vereadores, dos intelectuais, dos estudantes e do povo do Recife ao desafio da miséria. Resposta que se dinamiza sob a forma de um Movimento. Que inicia, no Nordeste, uma experiência nova de Universidade Popular.

Este livro de Leitura para Adultos, que hoje o MCP edita, é parte desta resposta. Centrado nos interesses do adulto, exprimindo os anseios populares, ressaltando os valores regionais, ministrando ao mesmo tempo o ensino da língua e da gramática, ele constituirá, sem dúvida, mais um instrumento da cultura para a emancipação do povo."

Deixar Florir Mil Flores

Quando Norma começou a apresentar o método de elaboração do Livro de Leitura para Adultos, no Conselho de Direção, Paulo Freire se empolgou pelo problema. Ninguém melhor do que ele, ex-professor de português, para entender o mistério, a magia e a força da palavra. " No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus"(João, I,1). Palavra sagrada: " Pela vossa Palavra criastes o universo ". Palavra que leva o mundo todo para a nossa consciência. Palavra que põe a nossa consciência interferindo no mundo todo. Sem palavras não nos apercebemos da realidade do mundo: do passado, do presente, do futuro. Sem palavras não podemos agir sobre o mundo: sobre o passado, sobre o presente, sobre o futuro. Por isso, a palavração não é só o método de aprender a ler, palavra por palavra. A palavração tem uma grandeza congênita. Envolve, necessariamente, a ação.

Não só de decompor os fonemas da palavra e formar novas palavras. Nem tampouco apenas de identificar, no seu todo, o vocábulo. Mas a ação de projetar a palavra no mundo. E de avaliar seus possíveis significados. E de descobrir aonde está o seu poder de transformar o mundo.

Aquele instante, no Conselho de Direção, teve uma repercussão imensa. O MCP partia para a educação de adultos. Enfrentava o desafio da alfabetização. Avaliava a importância da mobilização dos maiores de 18 anos. Sentia o bem, que se poderia fazer, libertando tantos jovens e tantas pessoas da ignorância e do obscurantismo. Discutia e valorizava, como nunca, uma das teses de Feuebach, de Karl Marx: "os filósofos até hoje procuraram explicar o mundo, mas o problema é transformá-lo". Foi numa dessas reuniões, no Arraial do Bom Jesus, que Paulo Freire nos comunicou já estar pensando na alfabetização de adultos, mas sem cartilha. Encorajei o empreendimento com as palavras de Mao Tsé-toung: "É preciso deixar florir mil flores". Aliás, todos no Conselho acreditavam no MCP, como laboratório de novos métodos e novas técnicas de ensino.

O Método Paulo Freire Nasceu No Mcp

José Mariano Carneiro da Cunha foi um dos líderes da campanha da abolição da escravatura. De Casa Forte, do Poço da Panela, ele assegurava a fuga dos escravos pelo rio Capibaribe. Na sua casa, o MCP fundou o Centro de Cultura Dona Olegarina, em cujo "círculo de cultura" nasceu o método Paulo Freire. Por isso, Moacir Gadotti, na grande obra coletiva "Paulo Freire, uma biobibliografia", diz textualmente: "O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP - Movimento de Cultura Popular - do Recife que, no início da década de 60, criara os chamados círculos de cultura. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos que estabeleciam os temas a serem debatidos. Cabia aos educadores tratar a temática que o grupo propunha. Mas era possível acrescentar à sugestão deles o que, na "Pedagogia do oprimido", Paulo Freire chamava temas de dobradiça, assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular." Gadotti acrescenta: "os resultados obtidos nesse trabalho com grupos populares no MCP levaram Paulo Freire a propor a mesma metodologia para a alfabetização. Se é possível fazer isso, alcançar esse nível de discussão com grupos populares, independentemente de eles serem ou não alfabetizados, por que não fazer o mesmo numa experiência de alfabetização? Perguntava-se Paulo Freire. Por que não engajar criticamente os alfabetizando na montagem de seu sistema de sinais gráficos enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela?"

Moacir Gadotti noutra obra, "Convite à leitura de Paulo Freire", mostra como ele trabalhava nos Círculos de Cultura, nos programas de alfabetização:

- 1º Pesquisa das "palavras geradoras" e dos "temas geradores", isto é, do miolo do método.
- O alfabetizador saía a campo com caderno ou gravador, atento a tudo que via e ouvia.

- Objetivo: listar as palavras mais usadas. Tudo devia ser explorado: palavras, frases, ditos, provérbios, modos de falar, de compor versos, de contar o mundo, tudo, enfim, que revelasse a realidade vivida pelos analfabetos.
- A escolha das palavras geradoras decorria de sua relevância social para o grupo e o fato de apresentar todos os fonemas da língua portuguesa.
- Essas palavras deviam "codificar", isto é, representar o modo de vida dos alfabetizandos.

2º Decodificação das "palavras geradoras", a cada palavra associando-se um núcleo de questões:

- Questões existenciais ou ligadas à vida;
- Questões políticas ou ligadas aos determinantes das condições de vida;
- Exemplo, para a palavra geradora "governo" podiam ser discutidos os temas geradores "poder político", "papel do povo", "participação popular";
- Esse contexto figurativo dá sustentação psicológica à palavra geradora na mente do analfabeto. E a palavra geradora funciona como "chave".

3º A coordenação do círculo de cultura ou da alfabetização deve ser agente promotora de discussão e observadora atenta às dificuldades de expressão do grupo.

- Fazer com que todos participem, estimulando-os com perguntas;
- A palavra geradora deve estar escrita de modo destacado e visível;
- Tentar fazer prolongar o debate sobre a palavra geradora;
- Utilizar vários recursos didáticos: quadro-negro, vídeo-cassete, projetor de eslaides.
- Levar o grupo a discutir a situação, o porque dessa situação, o que fazer para sair dela.

Esse método, continua Gadotti, na verdade método de formação da consciência crítica passa por três etapas distintas:

1. Etapa de investigação

De descoberta do universo vocabular, das palavras geradoras e dos temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizandos.

2. Etapa de tematização

Nesta etapa, são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social.

- Descobrem-se novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados.
- É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita.

3. Etapa de problematização

Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizado. Sem perder nunca de vista que o objetivo final do método é a conscientização.

- Descobrem-se os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa.
- Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando a superação de situações-limite, isto é, de obstáculos à hominização.
- A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política.
- A educação para a libertação deve desembocar na "praxis transformadora", ato do educando, como sujeito, organizado coletivamente.

Meninos do Recife

Silvio Romero, na "História da literatura brasileira", registra os versos de Tobias Barreto dedicados ao Recife, quando ele chegava, por mar, pela primeira vez:

*É a cidade valente
Brio da altiva nação
Soberba, ilustre, candente,*

Como uma imensa explosão

Em 1962, eu estava em São Paulo com Massao Ohno, para editar o Álbum de Abelardo da Hora, "Meninos do Recife", inaugurando a Coleção de Cultura Popular, e mostrando ao país o lado triste da "cidade valente", como um protesto do MCP "contra a miséria, a doença, o desemprego e a fome".

Abelardo, um dos fundadores do MCP, na visão de Mário Barata, é aquele "homem de fogo, resistindo como o sertanejo mais forte às inclemências da vida e do meio". É, sem dúvida, "das maiores expressões da verdadeira autenticidade de um homem de cultura no

Nordeste do Brasil." É o "grande escultor e desenhista do Recife, um produto da terra e um assombro de fidelidade a si próprio e ao seu povo".

Abelardo conta, como ninguém, quem são os Meninos do Recife:

*São habitantes anônimos
dessa cidade alagada,
de limo e pedra formada
sob marés,
Submersa.*

*Em lodo e lama inconsistente,
Consubstanciada.*

*Vasto poço de afogados
Habitação de mitos e fantasmas.
Imenso pasto de peste.
Cidade desabrigada.*

*Habitantes desse pântano,
sem escrituras, sem títulos,
submetidos ao ócio
que gera a fome e o vício
e um calendário implacável
de misérias e imprevistos.*

São apenas habitantes

*dessa cidade alagada.
Atirados sobre a lama
Sob marés da desgraça*

No Álbum de Abelardo da Hora, lançado ainda em 1962, na Galeria de Artes do Recife, à beira do Capibaribe, há um texto meu, que reflete a amplitude atingida pelo MCP, em apenas dois anos de existência:

"O Movimento de Cultura Popular nasceu no Recife. Na cidade proletária. Nos mocambos dos morros, mangues e alagados. No Recife da insurreição pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias.

Foi criado para a emancipação do povo, através da educação e da cultura. Como órgão de caráter técnico. Rigorosamente apolítico. Unindo intelectuais, estudantes e populares. Órgão amplo, pluralista, segundo o modelo da UNESCO, porquanto não discrimina filosofia, credo ou convicção ideológica.

Do Nordeste, das terras históricas do Arraial do Bom Jesus - em cuja elevação se situa a sua sede - guarda o MCP o espírito de luta. De

autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país. De responsabilidade quanto à sua independência definitiva.

Ideais que o MCP procura atingir educando não só a criança. Mas o adolescente. E também o adulto. Educando, através das escolas comuns. De processos informais, nas praças públicas e em plena rua. Educando pelo rádio. Pelo cinema. Pela televisão. Pela imprensa. Explorando novos métodos e técnicas de educação. Experimentando. Adaptando. Criando.

Para deflagrar, na comunidade, a paixão do saber, o MCP tudo mobiliza. O diversificado e denso folclore do Nordeste. As artes plásticas e o artesanato. O teatro. A música, o canto, a dança. A literatura. A ciência. A pesquisa. Os esportes. Atividades sem conta, que se institucionalizam em escolas, bibliotecas, conjuntos teatrais, centros de cultura, círculos de leitura, círculos de cultura, museus, galerias de arte, centros artesanais, parques de cultura, praças de cultura, cine-clubes, discotecas, tele-clubes, festas populares, semanas de estudos e festivais.

Nesse espírito, inicia o MCP o seu plano editorial. Inaugura a Coleção de Cultura Popular. Aberta a todos os problemas da educação, da ciência e da cultura. À contribuição brasileira. Às experiências internacionais. Meninos do Recife constitui um protesto do Movimento de Cultura Popular contra a miséria, a doença, o desemprego e a fome."

Educação de Crianças e Adolescentes

O Prefeito Miguel Arraes, em "Meninos do Recife", lembra que eles têm sempre "a marca da pobreza e do abandono". Que todos "precisam de calor humano". Que os do Recife "são como os do Agreste e Sertão: uns têm os pés sujos de lama dos alagados, outros estão coberto de pó das terras ressequidas".

Anita Paes Barreto, no "Memorial do MCP", assinala que era nosso "objetivo geral a elevação do nível cultural do povo", Que se assegurava "tanto quanto possível, a qualidade do ensino e o respeito à conscientização, pedra fundamental de todas as iniciativas do MCP". Que havia, no Movimento, "um sentimento incisivo da necessidade de libertação social do homem do povo". Que essa libertação viria "por um processo de conscientização vinculado à alfabetização e aos meios informais de educação". Que a meta era tornar o homem do povo "capaz de lutar por um nível melhor de vida, libertando-se o mais depressa possível, de uma estrutura de vida infra-humana".

O fato é que, conclui Anita, "já em fins de 1962, o MCP contava com cerca de 20.000 alunos divididos em pouco mais de 600 turmas, distribuídas entre 200 escolas isoladas e grupos escolares". E acrescenta: "Pode-se então dizer que o MCP levou a Prefeitura do Recife a criar, oficialmente, o ensino municipal, sob a direção de uma Secretaria de Educação".

O MCP NA UNE

A repercussão do MCP aqui e no estrangeiro era grande. O prestígio alcançado trouxe ao Recife, primeiramente Joffre Dumazedier, do Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS, e depois, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que passaram dois dias conosco, na Rua da Hora 100, procurando saber de tudo a respeito do MCP. Em Paris, acompanhávamos sempre "Les temps modernes" e admirávamos o aluno brilhante da École Normal Supérieure, sobretudo como defensor da dignidade humana, proclamada tão enfaticamente em "Les chemins de la liberté" (1949, 3 vol).

Logo após a volta de Sartre, o Movimento foi chamado a apresentar-se, no Congresso Anual da UNE - União Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro. Lembro-me que o presidente era um estudante paulista, o atual Ministro da Saúde José Serra. Levamos uma grande exposição, com farto material fotográfico, cartazes dos festivais e de todos os eventos, as estampas do álbum Meninos do Recife e minuciosa documentação escrita, destinada a fazer passar adiante o experimento. Falei, na reunião plenária, sobre "O MCP como Universidade Popular". O Congresso da UNE aprovou então, uma resolução: levar o MCP a todo o Brasil. Surgiram, assim, os Centros Populares de Cultura - CPCs, em todos os Estados da federação.

Mais tarde, após a experiência de Paulo Freire, em Angicos, no Rio Grande do Norte, o Ministro da Educação, Paulo de Tarso, cria a Comissão Nacional de Cultura Popular, através da Portaria do MEC nº 195, de 8 de julho de 1963, com a missão de elaborar um Plano Nacional de Alfabetização. E, dá a Paulo Freire a coordenação do Plano, que tencionava, usando o seu método, alfabetizar, politizando, 5 milhões de adultos. "O objetivo, diz o próprio Ministro, em "Paulo Freire: uma Biobibliografia", era a multiplicação, por todo o país, dos chamados Centros de Cultura, a partir de uma experiência piloto que deveria abranger toda a população analfabeta de Brasília".

Meios Informais de Educação

Lembro-me, como se fosse hoje, na janela do Arquivo Público de Pernambuco, que dá para a Rua do Imperador, eu e Paulo Rosas discutindo o sonho dos parques de cultura da bela capital pernambucana. Ele denominava esse projeto Meios Informais de Educação. E aqui fica esse nome, como título de capítulo, em sua homenagem merecida.

O nosso primeiro Parque de Cultura teria que ser o Arraial do Bom Jesus. E o ato inicial do MCP: mudar o nome privatizado - Sítio da Trindade. Restaurar a denominação histórica, Arraial do Bom Jesus, glória de Pernambuco. E, logo em seguida, solicitar, oficialmente, ao Instituto Arqueológico e Geográfico, como fizemos, que fossem aflorados os alicerces da fortaleza, para memória e veneração dos brasileiros.

Neste Parque de Cultura, o MCP construiu, com apoio de Abelardo da Hora, no sopé da elevação, um anfiteatro ao ar livre, o Teatro do Arraial Velho, onde foram encenadas tantas peças, pelo Conjunto Teatral do MCP sob a direção competente de Luiz Mendonça: "Chapeuzinho Vermelho", de Paulo Magalhães; "Um menino nos foi dado", de Dom Marcos Barbosa; "A derradeira ceia", de Luiz Marinho; e "Volta do camaleão alface", de Maria Clara Machado. Na Casa-sede, foi instalada a Biblioteca do MCP, com enciclopédias, dicionários, histórias da civilização e do Brasil, uma coleção brasileira muito completa e numerosas obras sobre cultura, educação e especialmente cultura popular, aberta a toda a população.

O MCP não era apenas luta. Era também uma festa. Uma vez, no ano, havia nesse Parque de Cultura uma semana luminosa: era "São João no Arraial". Ia de Sant'Antônio, passando por São João até São Pedro. A mata do Arraial, com jaqueiras e mangueiras frondosas, ficava toda iluminada, com fogos, fogueiras, balões e estrelas multicores. Pequenas barracas, decoradas com bandeirolas juninas, salpicavam as trilhas do bosque, servindo comidas típicas do Nordeste: tapioca molhada, milho assado, pé-de-moleque, bolo de milho, pamonha e canjica. Em cada clareira da mata, embaixo das cajazeiras e dos ipês, havia um conjunto joanino se apresentando: quadrilha, côco-de-roda, ciranda, bumba-meu-boi, bacamarteiros de Caruaru, forró. Nos caminhos da floresta, desfilando, as "bandeiras-de-São João": o estandarte à frente e a procissão cantando em louvor do santo. Lá, num recanto, violeiros do Nordeste e repentistas, cantando, em desafio, sextilhas, martelos, quadrões, gemedeiros e galopes-à-beira mar:

- *Eu sou Tucunaré,*

besouro do Piauí.

Carrego ferrão nas costas,

só ferro prá ver cair.

- *Você não é Tucunaré,*

nem é besouro do Piauí,

nem carrega ferrão nas costas,

nem ferra prá ver cair.

Você é um "fofa-bosta",

besouro mesmo daqui.

Assim, vi o Parque de Cultura do Arraial do Bom Jesus luminoso e transfigurado, na I Festa de São João da Cidade do Recife, promovida pelo MCP, em 1963. Lembro-me, que encontrei, encantados com a festa mágica, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. E, na hora, Câmara Cascudo foi logo me dizendo: é pena que meu "Dicionário do folclore" já esteja saindo, porque eu nunca tinha visto uma Bandeira-de-São João.

Na Comunicação de Paulo Rosas à SBPC, em 1980, ele registra, até setembro de 1962, cinco Praças de Cultura implantadas, levando à população local, biblioteca, teatro, cinema, teleclube, música, orientação pedagógica, jogos infantis e educação física: Casa Amarela, Iputinga, Várzea, Beberibe e Torre.

Lembro-me bem que os teleclubes tinham um problema peculiar: o teor e a qualidade dos programas veiculados. Na formação dos monitores, no MCP, eles aprendiam a encarar as emissões, como tese; a contrapor, na hora, a antítese; e, no debate com o público, despertando em cada um a consciência crítica, a construir a síntese.

Escola Radiofônica

A Escola Radiofônica foi um instrumento da expansão do MCP em Pernambuco. Foi um sinal forte da vitalidade do Movimento. Era constituída por uma Equipe Central (Norma Porto Carreiro, Josina Godoy e Giselda Fonseca), Monitores (universitários formados pelo MCP, atuando em cada sala de aula) e Alunos (jovens e adultos em processo de alfabetização ou de aperfeiçoamento).

Três tipos de programas animavam a Escola Radiofônica:

1º A Escolinha de Formação de Monitores e Supervisores, que trabalhava com o Livro de Leitura para Adultos e o Guia do Alfabetizador. A Escolinha aprofundava o processo da aprendizagem. Dava a orientação metodológica das diversas fases da alfabetização. Preparava o alfabetizador e o supervisor, dando-lhes a consciência de seus papéis na Escola Radiofônica.

Na verdade, a Escolinha de Monitores constituía um autêntico movimento de jovens universitários, comprometidos com a construção do povo brasileiro. O problema não era só alfabetizar, mas ampliar os conhecimentos dos já alfabetizados. Com esse objetivo, a Escolinha preparava também o Monitor para o Programa de Aperfeiçoamento pelo Rádio.

2º O Programa de Alfabetização, com base no Livro de Leitura para Adultos, em 77 lições. As aulas eram transmitidas pela Rádio Continental e Rádio Clube de Pernambuco, diariamente, exceto aos domingos, de 20h:50 às 21h:40. Aos sábados os programas eram recreativos.

3º O Programa de Aperfeiçoamento pelo Rádio, abordando educação de base, conhecimentos de história, língua portuguesa e realidade brasileira - "sempre sem perder de vista a idéia básica de conscientização", como observa Paulo Rosas em sua Comunicação à SBPC.

Em fins de 1962, só a Escola Radiofônica contava, em toda a Região Metropolitana do Recife, cerca de 30 mil alunos. O Livro de Leitura para Adultos, já na 2ª edição, trazia agora recomendação preciosa do grande educador Anísio Teixeira.

O MCP em Paulo Freire

A boniteza da invenção do MCP conquistou, inteiramente, Paulo Freire. Repercutiu, fortemente, no seu espírito, no consciente e no inconsciente. Senti isto, com clareza, quando ele lançou "Pedagogia da Esperança", tantos anos depois, no Arraial do Bom Jesus. Vi, nos seus olhos, e ouvi, na sua voz, quando ele disse, na Rua da Hora 100, "bote meu nome nisso", "eu estou nisso".

Sua obra, desde o princípio, antes mesmo de o Movimento de Cultura Popular existir, está intrinsecamente ligada à saga do MCP. Pascal entenderia assim, o aparente mistério: "tu não me buscarias, se já não me tivesses encontrado". O impacto do MCP em Paulo Freire é mais visível ainda, quando se compara "Educação e Atualidade brasileira" (antes do MCP) e "Pedagogia do oprimido" (primeiro livro depois do MCP, da prisão, do exílio).

Mas, Paulo Freire fala pouco do MCP. Por escrúpulo, zelo, delicadeza de espírito. Ele sempre achou, que era uma missão minha. Que eu deveria contar a história do MCP. Ele até quantificava e cobrava sempre: 'Você deve ao Brasil pelo menos 6 livros sobre o MCP'. E, disse isto, de novo, em nosso último encontro, na sua casa, dez dias antes de seu encantamento, quando ficamos conversando até de madrugada: Nita, ele, Verônica, Ivan e eu.

Nita - como carinhosamente Paulo Freire chamava a esposa - dá um testemunho precioso sobre como o MCP "cativou" a alma do mestre. Diz ela, em "Paulo Freire, uma bibliografia": "Este primeiro Movimento de Cultura Popular do Brasil marcou profundamente a formação profissional, política e afetiva do educador pernambucano".

Paulo Rosas, em sua Comunicação à 32^a Reunião Anual da SBPC, observou: "O MCP pode ser útil ainda hoje pelas pistas deixadas, pelo que fez, pelo que quase fez, por sua incompleta teorização, por sua metodologia que ficou a meio caminho". Talvez esse sentimento de incompletude e de inacabado desapareça, pensando-se que toda a obra pedagógica de Paulo Freire é a pedagogia do oprimido, a pedagogia da esperança, ou seja: a pedagogia do MCP.

O MCP não pode ser interpretado hoje, sem Paulo Freire.

E simplesmente porque o MCP está em Paulo Freire.

O texto completo deste trabalho foi publicado na obra "Paulo Freire – Educação e Transformação Social" organizada por Paulo Rosas. Recife, UFPE, 2002.